

O SER-AÍ E O SORRISO

[BEING-THERE AND THE SMILE]

Carlos Roberto Guimarães *
Universidade Estadual de Santa Cruz, Brasil

RESUMO: O fenômeno do sorriso é o tema central desse texto. Não obstante os riscos e dificuldades inerentes a um tema pouco abordado por Heidegger e, também, pela literatura secundária, partimos de um pressuposto que se apresenta como fato incontornável: o sorriso é uma das faculdades do ser humano. Não só isto: consoante Aristóteles já o dizia, ele é o único ente que ri. Ou seja: de algum modo o sorriso o singulariza, distinguindo-o dos animais. Levando em consideração essa singularidade, pretendemos refletir se o sorriso, de algum modo, tangencia com a condição ontológica do ser humano.

PALAVRAS-CHAVE: Ser-aí; Graça; Alegria; Sorriso

ABSTRACT: The phenomenon of smiling is the central theme of this text. Despite the risks and difficulties inherent to a topic little covered by Heidegger and also by secondary literature, we start from an assumption that presents itself as an unavoidable fact: the smile is one of the human being's faculties. Not only that: as Aristotle already said, he is the only being who laughs. In other words: somehow the smile makes him unique, distinguishing him from animals. Taking this singularity into consideration, we intend to reflect on whether smiles, in some way, are in line with the ontological condition of the human being.

KEYWORDS: Being-there; Grace; Happiness; Smile

INTRODUÇÃO

Diz-se habitualmente que, se um homem se alegra, isso é fruto e consequência de sentir alegria [Freude]. Mas a verdade é bem outra. Só pode alegrar-se se se teve a sorte de ter recebido o presente de ser bem disposto [*ein heiteres Wesen*]. A boa disposição mantém abertas as portas ao que move o ser humano na sua intimidade e condu-lo ao que permanece. O bem humorado ou bem disposto [*das Heitere*] leva ao liberto e luminoso [*ins Freie und Lichte*]. Porém, em si mesmo, o ser bem humorado ou bem disposto e alegre brota sempre de uma Luz, que não fomos nós a acender. Antes a sentimos. Nisso, estamos como que iluminados. (HEDEGGER, GA 16, 488, apud BORGES-DUARTE 2021, p. 217.).

* Professor adjunto do Departamento de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Santa Cruz, BA. E-mail: betorrancho@yahoo.com.br

O objetivo desse trabalho pode, inicialmente, provocar desconfianças, uma vez que o sorriso não foi um tema abordado pelo pensamento de Heidegger. Por consequência, a depender do juízo de alguns, corremos o risco de sermos acusados de flertarmos com a arbitrariedade de uma leitura que diz mais do que os textos do filósofo permitem. Todavia, não o sorriso propriamente dito, mas a questão do bom humor – um estado de alegria – aparece em um dos mais belos e sensíveis textos do filósofo: *O caminho do campo*. Nesse texto, Heidegger descreve um passeio pelos campos de lavoura de sua cidade natal. Mais do que um mero relato, acreditamos estarmos diante de uma descrição fenomenológica. O caráter poético da descrição concede às palavras a gentileza necessária para acolher todos os entes que constituem aquela ambiência como se os mesmos estivessem em seu instante arcaico de desvelamento. As palavras de Heidegger não meramente discriminam, objetivamente, um cenário. Antes, elas evocam os entes para que os mesmos se apresentem e ocupem, naquela ambiência, o livre espaço onde encontram a necessária acolhida para desvelarem-se em um mundo. No contexto desse passeio, isto é, dessa experiência fenomenológica, o ser-aí emerge como o ente co-partícipe do próprio instante inaugural quando os entes, gratuitamente – desde nada, pura graça – brotam. Uma certa leveza e alegria – um bom humor – atravessa o ser-aí nesse momento. Já quase no final do texto, Heidegger nos diz: “O apelo do caminho do campo desperta um sentido, que ama o que é livre e que, saltando por cima das aflições, chega, afinal, ao BOM HUMOR” GA 13, p. 89, apud BORGES-DUARTE, 2021.). No entanto, fora este texto, são raros e esparsos os momentos em que Heidegger, ao longo de sua obra, concede proeminência a esta questão.

Não obstante os riscos e dificuldades inerentes a um tema pouco abordado por Heidegger e, também, pela literatura secundária, partimos de um pressuposto que se apresenta como fato incontornável: o sorriso é uma das faculdades do ser humano. Não só isto: consoante Aristóteles já o dizia, ele é o único ente que ri. Ou seja: de algum modo o sorriso o singulariza, distinguindo-o dos animais. Levando em consideração essa singularidade, pretendemos refletir se o sorriso, de algum modo, tangencia com a condição ontológica do ser-aí enquanto um ser-para-a-morte.

Essa reflexão pressupõe que concedamos a possibilidade de o sorriso ser compreendido como um fenômeno que possui raízes mais profundas, não restringindo-se, então, a contextos de comicidade simplória e grotesca.

O bom humor não é, pois, a alegria pura, à maneira da *laetitia* spinoziana, resultado da percepção intelectual. O ânimo alegre denota uma disposição ante a vida, que reconhece a dor e o peso da realidade, como experiência, mas assumindo uma atitude positiva. Não se trata de um mero otimismo superficial, que amiúde traduz a leviandade de que não se importa com nada. Antes se trata, na verdade, de enfrentar o que preocupa, o que é grave, mas começando na sua tradução irônica e desconstrutiva, que permite, suavemente, criar condições para um projeto construtivo. Menos riso que sorriso. Mais uma graça, que denota afeto por quem escuta, que um agulhão que procura, consciente ou inconscientemente, magoar”. (BORGES-DUARTE, 2021, p. 217.).

“Menos riso que sorriso”! Não se trata, pois, da risada fruto de mera galhofada que denotaria negligência e negação concernente aos dissabores da vida, mas sim de um brando sorriso oriundo de um estado de ânimo inerente à leveza e alegria daquele que se sintoniza com sua condição finita. Afirmar tal condição, tal

qual o amor *fati nietzschiano*, significa render-se à gratuidade da existência, não esperando, desta, nada além daquilo que ela mesma apresenta, compreendendo que sua beleza e exuberância residem justamente no fato de ela ser pouca, finita. Tudo isso acarretaria ao ser-aí abrir-se junto ao mundo assaltado por uma disposição de humor positiva, um estado de graça – gratuidade – que ocasionasse a graça – alegria – e eventualmente sinta sentisse, na face, a leve contração característica do sorriso.

Neste estado de graça/alegria o ser-aí desvincula-se de qualquer objetivo futuro e, pleno, totalmente entregue ao instante presente, poderia ser “[...] capaz de acolher na sua graça o que se apresenta no dia-a-dia, não enquanto falta, mas enquanto puro dom de ser” (BORGES-DUARTE, 2021, p. 212.). Esse estado de graça e, em um âmbito ainda mais periférico, o sorriso, seria uma repercussão longínqua do infundado misterioso que sustenta e perpassa a existência e faz, desta, pura gratuidade. Em suma: existiria, no que tange ao ser-aí, uma relação entre o experienciar o estado de graça – gratuidade – da existência por ela emergir desde nada, isto é, desde fundo nenhum e o estado de graça¹ – alegria – por sentir-se afinado a tal condição. Resultante dessa afinação, emergiria, pois, o franco sorriso!

Não se trata de uma definição do sorriso. Almeja-se, sim, a descrição de uma experiência que possibilite o vislumbre de um tênue liame que o tangenciaria com a condição ontológica do ser-aí. No esforço de descrição de tal experiência nos socorreremos no campo da literatura, compreendendo-a como um tipo de linguagem que, embora não pleiteie enjaular o fenômeno nos limites de uma definição cabal, nem por isto deixa de possuir seu singular rigor. Um rigor outro, distinto daquele inerente à lógica formal. O suave rigor da mão que se aproxima e, brandamente, toca – resvala – naquilo que não pode ser pego. Mais especificamente, nos apoiaremos em trechos da obra de Guimarães Rosa. Inicialmente, será preciso uma busca pela dimensão ontológica do ser-aí para, em um segundo momento, refletirmos se, de algum modo, em tal dimensão pode vigorar um estado de alegria que propiciaria o sereno sorriso daquele que acolhe – é grato – ao apelo do ser.

A busca pela dimensão ontológica do ser-aí implicará em um prévio e imediato mergulho – um salto – para um âmbito que, conforme será descrito, não se encontra em um dentro, nem tampouco em um fora. Ou seja: não é um mergulho intimista rumo ao interior do ser-aí e nem um direcionamento para uma esfera externa, como se o âmbito em questão vigorasse em algum lugar específico. Tal salto partirá da esfera cotidiana frequentada pelo ser-aí rumo a um âmbito que se encontra em “lugar nenhum”.

A compreensão desse salto e também desse âmbito será mediada por uma interpretação do salto do personagem protagonista do conto “A terceira margem do rio”, de Guimarães Rosa. Tratar-se-á de uma singular experiência rumo a uma terceira margem que não se encontra em lugar nenhum. Um salto em direção a um solo, um fundo que, a rigor, é “fundo nenhum”. Isto poderá elucidar que essa busca pela dimensão ontológica do ser-aí não significa um exercício de introspecção, no sentido de um mergulho em um lugar interno, subjetivo.

Em um segundo momento buscaremos compreender de que modo tal salto pode significar um experienciar a gratuidade – a graça – da existência; essa experiência repercutiria em uma disposição de humor positiva – um bom humor – de modo a significar liberdade e leveza para o ser-aí, impregnando-o de alegria – de

graça! Mediando a compreensão desse fenômeno, nos inspiraremos nos sentidos da palavra graça presentes em “Aletria e Hermenêutica” que se apresenta como prefácio do livro *Tutaméia*, de Guimarães Rosa. Movido por fino humor, Rosa expõe a duplicidade de sentido da palavra graça, significando tanto aquilo que é visto como sagrado como também a graça – a alegria – acarretadora do bom humor e, em última instância, do próprio sorriso. Esse sentido último da palavra graça vem à tona, por exemplo, em anedotas que sempre terminam no inesperado de um ineditismo que sabota a pretensão da razão que sempre tende a antecipar os passos de um “causo”, prevendo seu final. Diante de um final inesperado, imprevisível, a razão perde seu chão. Acreditamos que essa “ausência de chão” experienciada pela razão pode ser o gatilho disparador do sorriso. A partir daí, aventaremos a possibilidade de, no contexto desse exemplo, essa ausência de chão sentida pela razão possuir lastros, ainda que longinquamente, com a própria constituição ontológica do ser-aí enquanto um ser-para-a-morte. Nesse sentido, o fenômeno do sorriso aqui em apreço distancia-se da compreensão que o confina a uma comicidade simplória, marcada pela galhofa da gargalhada rasa. Por isto, a asseveração: “Menos riso que sorriso”!

Possuindo lastros mais profundos, o sorriso poderia ser uma repercussão, ainda que periférica e superficial, da experiência da finitude que constitui a própria existência. Compreender essa condição finita significa aquiescer que a vida não possui fundo ou um objetivo para além dela mesma, o que significa: ela é puro dom, pura graça – gratuidade! Acolhendo essa gratuidade o ser-aí poderia ser tomado pela leveza e graça – alegria – do existir e, de algum modo, esta disposição de humor repercutiria, em uma dimensão ôntica, com o fenômeno do sorriso.

Inspirou-nos o enveredo por este tema um artigo da professora pesquisadora Irene Borges-Duarte intitulado “Cuidado e bom humor em Heidegger: a via da Heiterkeit”, em que ela diz:

A partir de escritos de Heidegger que, paulatinamente, vão ganhando publicidade nos volumes de sua *Gesamtausgabe* a professora Irene Borges vem se dedicando a uma pesquisa que legitime cidadania ontológica às tonalidades afetivas positivas: “Apesar da abundante bibliografia centrada na afetividade, enquanto existenciário, a consideração das diversas Stimmungen, em particular, a que Heidegger dedicou especial atenção, para além da angústia e do tédio, tem sido lenta e escassa. Como excessão, decerto, é de referir a consideração da serenidade (Gelassenheit), a partir da publicação do texto com esse título em 1959, estendendo-se, por vezes abusivamente, essa designação a fenômenos próximos, mas com matizes diferenciais [...] No entanto, o amplo leque de tonalidades afetivas e de atitudes existenciais nelas fundadas, com que nos deparamos nas obras pouco a pouco vindas à luz nos diversos volumes da *Gesamtausgabe*, está muito longe de ter resposta proporcionada na literatura secundária. (BORGES-DUARTE, 2021, p.212.).

Nesse trabalho a professora sustenta uma interpretação que legitima a possibilidade de um estado de humor positivo inerente à condição ontológica do ser-aí.

A preocupação, como a ocupação, são formas de cuidado, mas não traduzem a amplitude e riqueza ontológica da noção heideggeriana de Sorge. Ora, a nossa questão aqui é: pode também ser «cuidado» (no sentido ontológico) o bom humor, o à vontade des preocupado e alegre? (BORGES-DUARTE, 2021, p. 212)

Isto motivou-nos a considerar a possibilidade de o sorriso, de algum modo, tangenciar a condição ontológica do ser-aí. Ou seja: não se restringindo à comicidade simplória e banal, o sorriso seria um espasmo oriundo de camadas mais profundas do ser-aí quando este se deixa ser tomado pelo “[...]bom humor, o à vontade despreocupado e alegre[...]” diante da gratuidade da existência, uma vez esta emergir desde nada”.

1.SOMENTE O SER-AÍ SORRI

Segundo Heidegger, o ser-aí caracteriza-se como um ser-para-a-morte. Não se pretende, com isto, afirmar tão simplesmente que ele é o ente que, algum dia ou futuramente, irá morrer. Algo mais grave se insinua nessa assertiva: o ser-aí já é, sempre, desde a morte rumo à morte. A finitude o constitui essencialmente, distinguindo-o dos animais. Sobre isto, Heidegger nos diz:

Os mortais são os homens. São assim chamados porque podem morrer. Morrer significa: saber a morte, como morte. Somente o homem morre. O animal finda. Pois não tem a morte nem diante de si, nem atrás de si. (HEIDEGGER, 2002, p.156).

Somente o ser humano é mortal porque somente ele tem consciência da sua finitude. A princípio, esta condição ontológica faria com que a vida adquirisse uma conotação sempre negativa. Ela se restringiria a uma rotina enfadonha, atravessada por insuperável peso e angústia. Cada qual, protagonista de sua própria vida, deparar-se-á com essa possibilidade incontornável. Todavia, à revelia de tudo isto, uma outra característica do ser-aí nos chama a atenção – a alegria e leveza perante a existência e, em última instância, a faculdade do sorriso. Mesmo sabendo de sua condição mortal, mesmo estando ciente de que essa condição incontornável assedia, constantemente, todos os seus projetos, todos os seus entes queridos, ainda assim o ser humano sente, por vezes, a existência ser tomada por agradável sensação de leveza e, tomado por um estado de graça, sorri. Mais do que isto: partimos da premissa de que o ser humano é o único ente que sorri. Impõe-se a pergunta: qual a graça? Onde funda-se esse estado de leveza e alegria que ocasiona o sorriso? Reiteramos: não se trata do riso fácil e superficial ocasionado por algum acontecimento específico, mas sim o sorriso sereno daquele que se encontra redimido com a existência, sentindo-se leve e pleno. Em última instância: por que sorri um ente sabedor de sua condição ontológica enquanto um ente finito? Porque sorri o ente sabedor de que todos os seus projetos, dos menores aos mais bem sucedidos estão, a cada instante, assediados por essa possibilidade inexorável?

Uma resposta plausível seria considerar que o sorriso é possível em função de o ser-aí frequentemente esquecer-se da finitude. Esquecer-se de que, a todo instante, a existência está no “fio da navalha”, constantemente assediada pela possibilidade da morte. Esquecendo-se dessa condição abre-se, pois, a possibilidade para o sorriso. Outra alternativa seria considerarmos – e é o que procuraremos sustentar nesse texto – que o sorriso pode ser um eco tardio de uma disposição de humor positiva, um estado de graça – alegria – que, por sua vez, funda-se ou imbrica-se na própria condição finita do ser-aí. Ou seja, sentimos alegria – graça – justamente porque somos seres-para-a-morte. Sentimos alegria – graça – justamente porque

experienciamos o nada e, nessa experiência, somos iluminados pela gratuidade do existir. De modo algum ousamos especular que existe uma relação direta entre a condição ontológica do ser-aí e o sorriso. O que queremos aventar é a possibilidade de o riso ser um eco, ainda que tardio e periférico – ôntico – da constituição fundamental do ser-aí enquanto um ser-para-a-morte. Faria parte de tal condição não somente a disposição de humor da angústia mas, também, uma disposição de humor positiva, a alegria. Justamente por fundar-se, em última instância, nessa condição ontológica do ser-aí, é que o sorriso se apresenta, também, como um fenômeno singular desse ente. Justificar-se-ia, então, a asseveração de Aristóteles segundo a qual somente o ser humano ri!

A afirmação de que somente o ser-aí sorri encontra, de início, objeções. Muitos sustentarão ser evidente que os animais também são capazes de demonstração de contentamento. Todavia, há uma diferença substancial entre o contentamento do cão abanando sua cauda após chamego do dono e o transbordamento da alegria e sorriso inerente ao ser humano. O contentamento de um cão tem sempre um objeto ou causa determinante. Frequentemente e na maioria das vezes o ser-aí tem, também, um fator determinante causador de seu riso. Porém, contrário ao contentamento dos animais, o ser-aí surpreende-se, às vezes, sorrindo à toa ou, sorrindo por nada. Mas, o que significa sorrir à toa ou sorrir por nada? O ser-aí pode, ainda que raramente, deparar-se com a gratuidade da existência² enquanto tal e, sentindo-se pleno e grato, ser assaltado por um sentimento de alegria que lhe marque o rosto com um sereno sorriso. Uma sensação de leveza inerente a um bom humor denunciado por Heidegger no final da experiência descrita no texto *O caminho do campo*. O que nos acossa quando assim nos percebemos? Talvez seja uma repercussão da própria condição humana, a saber, ser um ser-para-a-morte, isto é, um ente cuja existência assenta-se no nada. Retornamos, pois, ao cerne da presente reflexão: em que ponto a alegria – a graça – disparadora de um sorriso resvala na condição finita do ser-aí?

Quando afirmamos que, tal qual a condição de finitude, o sorriso também distingue o ser-aí dos animais não estamos, de modo algum, ombreando-os, quer dizer, ombreando o riso e a finitude em um mesmo patamar ontológico. No entanto, partindo da premissa de que somente o ser humano sorri, almejamos pontuar em que medida o sorriso, mediado pelo bom humor ou alegria, tangencia a questão da finitude. Qual a relação entre a o sorriso, isto é, a graça e a finitude? E se for esse o caso, de que modo a finitude repercute na existência, de modo a não se restringir tão somente ao fenômeno da angústia, mas podendo, também, irradiar em disposições outras, tal qual um bom humor, uma alegria e, no limite, com o próprio sorriso?

2.FUNDO NENHUM

Qual é o fundo da existência do ser-aí onde finitude e graça tocam-se? A resposta é desconcertante: a existência não possui solo ou fundo algum. Ela se dá a partir de uma irrupção imediata desde um “fundo nenhum”. E é a partir desse “fundo nenhum” que o ser-aí se encontra já desde sempre existindo jogado em uma circunstância. Essa circunstância constitui-se enquanto uma rede de sentidos que

Heidegger denomina de mundo. Desta forma, mundo não significa uma reunião de entes simplesmente dados que, rotineiramente, se apresentam diante de nossos olhos. Temos a tendência de pensar que, primeiro, vemos os entes e, em um segundo momento, justamente porque os vemos, atribuímos-lhes um significado ou sentido e, dessa forma, apreendemos o mundo em sua totalidade. Todavia, tudo ocorre na contramão desse raciocínio. Primeiro somos tomados, afetados por um sentido. Esse sentido, por sua vez, nunca é isolado. Esse sentido assenta-se no horizonte ou conjuntura de sentidos que constitui o mundo. E é somente desde esse horizonte de sentidos que um ente pode manifestar-se e, por conseguinte, fazer-se visível. Somos literalmente cegos para aquilo que não nos afeta, vale dizer, para aquilo que não nos faz sentido. O sentido é, pois, a luz ou o ser do ente.

Para ser afetado ou tomado por um sentido é preciso que o ser-aí seja, antes, uma possibilidade para tal, isto é, um ente afetável. Isto pode ser dito de outra forma: o ser-aí é puro acolhimento, uma abertura para possibilidades ou, possibilidade para possibilidades de ser tomado ou afetado por determinados sentidos. Sendo assim, uma vez ser mera “possibilidade para”, o ser-aí é o ente que não possui uma natureza ou essência pré-determinada. Sua natureza ou seu fundo é “fundo nenhum”. Abala-se, assim, toda pretensão da antropologia tradicional, notadamente a cartesiana, pautada na noção de sujeito enquanto fundo ontológico de uma compreensão de realidade dicotômica. Não se nega, em absoluto, legitimidade para a subjetividade. Não obstante, esta restringe-se ao âmbito óptico. Solapada sua soberba pretensão de colocar-se como fundamento último, a subjetividade mostra-se periférica, secundária. Existe uma dimensão ou, por assim dizer, um fundo que a precede ontologicamente, vale dizer: “fundo nenhum”. Por consequência, aproximar-se desse âmbito implica em saltar para uma dimensão aquém da subjetividade. A revelia de todo constrangimento que essa assertiva pode provocar, afirmar que tal dimensão é um “fundo nenhum” implica em dizer que o ser-aí não possui natureza alguma ou, por outras palavras, o ser humano é nada!

Mas, do que se fala, aqui? Que solo é este, aqui denominado de “fundo nenhum”? Onde iremos encontrá-lo? Qual direção ou rumo devemos seguir para dele aproximarmos?

Não nos esqueçamos: em questão está o “fundo nenhum” da própria existência. Mas não da existência enquanto um conceito geral que a todos acolhe, mas sim da existência que constitui a singularidade de cada qual enquanto um ser-aí. Ou seja, trata-se de um “fundo nenhum” que, singularmente, nos constitui. O ser-aí mora – habita – suspenso nesse “fundo nenhum” ou, nas palavras de Heidegger, nesse nada.

Pois bem, se tal dimensão nos constitui, já estamos nela e, por conseguinte, não é preciso irmos a lugar algum para encontrá-la. Melhor dizendo: se for o caso de irmos a algum lugar, só poderia significar irmos para onde já estamos! Mas, que assertiva controversa é esta? O que significa “ir para onde já se está”? Que movimento é este? Quando é que nos movimentamos para o lugar onde já estamos? Movemo-nos para onde estamos quando nos assentamos! Assentar significa mover-se desde e para o lugar onde já se está. Com isso, assentamos no nosso solo, nosso fundo e vislumbramos, então, aquilo que constitui e sustenta o existir – o nada!

A palavra vislumbrar significa: ver com pouca nitidez ou indistintamente.

Mas, ver indistintamente o quê? Ora, já foi dito: o “fundo nenhum” ou o abismo sobre qual a existência paira. É possível, ainda que indistintamente, ver esse “fundo nenhum”? O contrassensoque permeia esse questionamento indica que não se trata de um objeto ou assunto sobre o qual consigamos informações objetivas. O que está em questão não se rende às malhas de qualquer definição a partir de um sentido de linguagem restrita à lógica formal. Todavia, como diz respeito ao fundo ou àquilo que constitui nossa existência é possível, com ele, termos uma experiência. É isto que está em jogo quando nos referimos a assentarmos – sintonizarmos – com tal fenômeno.

Uma vez nos constituir estamos, ainda que disto não nos demos conta, experienciando-o todo o tempo. Sendo assim, sintonizarmos ou, por assim dizer, acessá-lo não é possível por mediação alguma. Muito ao contrário: qualquer mediação já seria, de antemão, um distanciar-se do fenômeno. Tudo deve ocorrer no inesperado de um salto... Um salto para aquilo que nos constitui... Um salto para o “fundo nenhum”. Estranho salto!

3.O SALTO

É preciso um salto. De que salto falamos aqui? Quais são os seus parâmetros? Como de fato, um salto refere-se sempre a “um lugar a partir do qual se salta” e um outro lugar “para onde se salta”. Pois bem: de onde sai o salto e para onde salta-se?

O salto parte do lugar onde sempre estamos. Na lida cotidiana estamos, sempre, ocupados e preocupados com os entes, envolvidos pelos comezinhos da rotina diária. Este é o lugar de onde parte o salto em direção ao “fundo nenhum” que, vale lembrar, nos constitui. Por isto foi dito: salta-se desde onde já se está para o lugar aonde já se está! Justamente por isto o salto é imediato. De algum modo, ainda que veladamente, ainda que com tal não nos demos conta, já estamos nesse salto. De algum modo este fundo nos constitui, atravessando-nos enquanto algo extra-ordinário imbricado na superficialidade do ordinário da nossa existência. Por consequência, tal fundo não vigora em uma outra realidade para além dos entes que ordinariamente nos afetam. Para além dos entes, nada há! Quer dizer: não se trata de saltar do ordinário do mundo onde nos encontramos para uma outra realidade de cunho transcendente. Se fosse o caso, o salto almejaria a segurança de um mundo metafísico. Saltaria-se, por assim dizer, de uma margem – o mundo dos entes imanentes – para outra margem – uma realidade metafísica/transcendente. Todavia, tal salto não tem em mira uma outra margem que se contrapõe àquela onde estamos. Salta-se para uma margem que vigora em um singular lugar – “lugar nenhum”; salta-se para uma margem que vigora em singular fundo – “fundo nenhum”. Salta-se para a terceira margem!

Esse “fundo nenhum” ou essa terceira margem é o extra-ordinário que permeia e possibilita o ordinário da existência. Por isto o salto não pode ser mediado. Não é possível, por consequência, uma estratégia cerebrina, no sentido de um preparo – um método – para o salto. Mesmo porque não existe um sujeito responsável ou causador do salto. Muito ao contrário: o salto se dá quando a própria noção de sujeito, momentaneamente, caduca – baixa as guardas – permitindo ao ser-

aí ser tocado – tomado – por este fenômeno. É preciso o abandono da rede de sentidos que nos acorrentam na segura rotina cotidiana, pautada por uma subjetividade que a tudo conduz. Há que lançar-se numa aventura, como se estivéssemos diante de um rio e, num instante de inquietude lançar-se, saltar. Um salto ousado para uma margem que está aquém das duas que ordinariamente confinam um rio. Uma margem que não se encontra em um dentro e nem em um fora! Uma terceira margem que vigora em um “lugar nenhum” de um “fundo nenhum”. Uma terceira margem, onde não há solo cristalizado sustentador da vida. Referimo-nos aqui ao salto realizado pelo personagem de Guimarães Rosa no conto a “Terceira margem do rio”. A subjetividade estava encarnada na figura do Pai, um senhor até então ordeiro que um dia ousou abandonar o solo seguro da margem em que estava e empreitou-se na construção de um barco.

Nosso Pai era homem cumpridor, ordeiro, positivo; e sido assim desde mocinho e menino, pelo que testemunharam as diversas sensatas pessoas (...) mas se deu que, certo dia, nosso pai mandou fazer para si uma canoa. (ROSA, 1977, p. 27).

Dizer que o pai era uma pessoa ordeira e cumpridora significa falar sobre alguém totalmente voltado para os afazeres da cotidianidade, tendo sua vida conduzida pela razoabilidade da subjetividade que manda cumprir todas as obrigações pertinentes a uma ordem que já está posta e encontra legitimidade pelo testemunho das “diversas sensatas pessoas”. Mas o intuito do Pai com a fabricação da canoa não era atingir a outra margem, a segunda margem existente do outro lado do rio, onde igualmente existia um solo seguro, uma ordem igualmente posta, a vida já acabada, cristalizada, realizada... Ele saltou rumo a lugar nenhum:

Ele não tinha ido a nenhuma parte. Só executava a invenção de se permanecer naqueles espaços do rio, de meio a meio, sempre dentro da canoa, para dela não saltar, nunca mais. A estranheza desta verdade deu para estarrecer de todo a gente. (Ibd, p. 28).

Eis o salto do pai. Um salto rumo ao não-encontrável, rumo àquilo que se diferencia de tudo o que dali emerge e, por isso mesmo – por diferenciar-se de tudo o que dele mesmo emerge – possibilita a determinação disto que emerge. Eis o significado da decisão do Pai; a ousadia de uma postura que, nas palavras de Heidegger, vem à tona “no salto, em que se deixa para trás toda e qualquer segurança da existência seja verdadeira ou presumida”; um salto que tem como escopo não simplesmente acomodar-se melhor na margem em que está – a primeira margem – nem tampouco alcançar a margem do outro lado do rio – a segunda margem; mas sim em direção a uma que se diferencia das outras: a terceira margem que “assenta-se” no “fundo nenhum” do qual falamos aqui... O “fundo nenhum” que nos constitui, que caracteriza nossa finitude e que é, ao mesmo tempo, o espaço onde a vida de cada qual não se encontra pronta, posta, realizada, acabada.

Este misterioso “fundo nenhum” que nos constitui não é preenchido por alma, razão ou qualquer outra categoria metafísica. Trata-se do vazio fecundo que é o espaço de gênese e presentificação da vida no constante “realizando” que perpassa todo brotamento. Espaço onde a vida não se permite petrificar, vigorando, pois, em uma constante fluidez tal qual as águas de um rio – “o rio-rio-rio, o rio pondo perpétuo”. Lançar-se nesta aventura de entregar-se – saltar-se – rumo ao fundo

infundado de nós mesmos não é uma atitude que se toma por meio de uma decisão no sentido de um planejamento – como foi o caso do filho que ficou, anos a fio, à beira do rio planejando, matutando seu próprio salto – mesmo porque, quem planeja é a subjetividade e, no entanto, é a “ausência” desta que permite o salto do Pai. Ou seja: tanto a primeira como a segunda margem são perpassadas pela própria subjetividade; daí o saltar do pai trazer como consequência a “estorrecer de toda a gente”! De toda a gente que insiste em avaliar a sua atitude com a cifra do pensamento que quer segurança e, para tanto, exige que cada ato possa ser calculado e a partir daí ter todas suas possíveis consequências previstas no resultado do cálculo.

O saltar do pai confunde-se com a ousadia de quem se descalça de toda esta esfera. No remar do pai não há objetivo... É o remar pelo remar, é a vida em seu frescor que, enquanto um incessante florescer, é perpassada pela plenitude daquilo que por si só se basta. A vida pela vida é o espaço onde esta, desde “fundo nenhum”, desabrocha incessantemente. Experimentar esse “florescimento” da realidade significa, ao mesmo tempo, ser tomado pelo frescor, pela leveza que acompanha todo ente possível em seu surgimento. Experimentar o frescor, viço e leveza que envolve todo ente em seu instante de desvelamento pode, eventualmente, fazer-nos entes tomados por uma disposição de humor positiva, uma alegria diante da existência enquanto tal. E o pai, assentado nesse fundo, totalmente entregue a este desabrochar – totalmente entregue às águas do rio – não mais se deixa cristalizar numa das margens – ele: “não pojava em nenhuma das duas beiras, nem nas ilhas e croas do rio, não pisou mais em chão...” (*Ibid.* p. 29.). Ele permanece sempre na terceira margem, plainando nesse “fundo nenhum”; plainando nessa graça, realizando vida. Realizando não no sentido de uma subjetividade que tem o poder de forjar a vida. Não é o pai que detém a vida... É a vida que se realiza nele; a vida é que, desde fundo nenhum, sem solo, motivo ou causa alguma, gratuitamente eclode – puro dom: graça! A postura do pai não é a de quem almeja um objetivo, um alvo. O alvo é ele mesmo, a vida é ele mesmo. Inteiro, pleno, finito! Eis o salto de que se fala aqui. O salto rumo ao “fundo nenhum” que constitui a própria existência.

É preciso, então, saltarmos no “fundo nenhum” que nos constitui. Nesse salto a razão depara-se com seus limites e, por assim dizer, perde seu chão. Todavia, essa perda de chão padecido pela razão não tem um sentido negativo. Antes, experimentar tal fundo pode, sim, ser ocasião de leveza e alegria. Citemos um exemplo cotidiano para nos aproximar daquilo que, aqui, é dito. No prefácio do livro *Tutaméia*, Guimarães Rosa nos fala do que ocorre quando ouvimos uma anedota. A razão sempre acompanha os acontecimentos de uma anedota no esteio da sucessão causal quando, num susto, o conto termina, no inesperado de um final que, por assim dizer, dá-lhe uma pernada, sabotando sua previsibilidade lógica. Esse final – esse susto – ocasiona um espanto que frustra toda pretensão da razão. O final não é lógico, mas ri-se porque compreende-se! Mas, entende-se ‘o quê’ e ‘a partir de quê’, uma vez que ele foge à alçada da lógica?³ Pois bem: no limite do acompanhamento lógico, quando no susto de um estampido seco ocorre o desfecho surpreendente, “ilógico”, justamente nesse instante a razão se esbarra com o não-senso, melhor dizendo, a razão é ferida, recebe um leve afago do não-senso. Segundo Guimarães Rosa o não-senso “reflete por um triz a coerência do mistério geral, que nos envolve e cria”

(ROSA, 1985, p. 8).

Traduzindo para a perspectiva de Heidegger, esbarrar-se com esse “mistério geral que nos envolve e cria” significa: sentir sob os pés a ausência de fundamento ou, o “fundo nenhum” – a finitude – que constitui e sustenta a existência. Dizendo de outro modo: chocar-se com o não-senso significa ser tocado pelo fundo de origem que a tudo “envolve e cria”! Em questão está o experimentar do instante originário de florescimento de tudo o que é. Instante este em que a vida se apresenta em todo seu frescor e graça. Frescor porque diz respeito ao instante de brotamento; graça porque, insistimos, essa eclosão vem de “fundo nenhum”, quer dizer, sem razão alguma – pura gratuidade.

Impregnados por essa ambiência de fecundidade e graça seríamos, então, assaltados por uma disposição de humor positivo – a graça – a alegria! Muito nos diz, no contexto da nossa língua, o sentido etimológico da palavra alegria. Alegria vem do latim *alētia* que também diz: graça, fecundidade. Tendo em mente essa compreensão, ser tomado pela disposição de humor da alegria significa sentir-se participante desse instante de fecundidade, isto é, desse constante “nascendo” que presentifica e sustenta a realidade. Sendo co-partícipes desse instante somos, então, contaminados pelo viço e pujança que sempre acompanha o ente em seu desvelar arcaico. Esse viço e pujança repercute nos nossos fazeres cotidianos. A lida ordinária deixa de ser enfadonha e passa a ser cumprida com esmerado cuidado, leveza e alegria. Tomados por essa ambiência, caminhamos... Caminhamos, sentindo sob os pés a leveza desse fundo nenhum que nos constitui e que caracteriza a nossa própria finitude. Caminhamos, sentindo-nos a própria abertura fecunda de brotamento de realidade. Caminhamos, sentindo-nos tomados pela liberdade. Caminhamos, com as faces marcadas pelo sereno sorriso que denuncia a alegria serena de quem faz um passeio pelo campo e acolhe – corresponde – ao apelo de tudo o que vem ao encontro:

O apelo do caminho do campo desperta um sentido, que ama o que é livre e que, saltando por cima das aflições, chega, afinal, ao bom humor. Este contrabalança o desconcerto do mero trabalho, que por si só, apenas promove o vazio. (GA 13, p. 89-90, Apud BORGES-DUARTE, 2021)

REFERÊNCIAS

- BOIRGES-DUARTE, Irene. *Cuidado e bom humor em Heidegger. A via da Heiterkeit*. Studia Heideggeriana, Vol. X, 2021, pp. 211-224.
- HEIDEGGER, Martin. *Ensaios e conferências*. Tradução de Emmanuel Carneiro Leão. Petrópolis: Vozes, 2002.
- HEIDEGGER, Martin. *Sobre o problema do ser/O caminho do campo*. Tradução de Ernildo Stein. São Paulo: Livraria duas Cidades, 1969.
- REIS, Robson Ramos dos. *Heidegger e o enigma da comédia* in: *Philosophos*, v. 14 nº 2, 2009, pp. 115-161.
- ROSA, João Guimarães. *Primeiras Estórias*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1977.
- ROSA, João Guimarães. *Tutaméia: terceiras histórias*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira 1985.

NOTAS

- 1 Exploraremos a dupla acepção da palavra graça, conforme apresentada por Guimarães Rosa em seu prefácio na obra “Tutaméia”. Graça tanto diz respeito ao que nos traz alegria, no sentido de fazer-nos graça, como também ao sentido do que é gratuito, quer dizer: por doação – graça!
- 2 Sim, “gratuidade da existência”, uma vez ela emergir desde nada!
- 3 Na anedota, imbricam-se dois sentidos da palavra graça. O desfecho da anedota, por surgir desgarrando-se da linearidade causal da história, emerge, então, por nada, espontaneamente, por graça. E é justamente essa espontaneidade, essa gratuidade descompromissada da previsão lógica que, digamos assim, puxa o tapete da razão, deixando-a, bambamente, chocar-se com seus limites e, na chispa de um instante, extrapolá-los e, assim, sofrer um leve afago – uma leve cócega – do imponderável. Então, boba e gratuitamente, ri-se.